

VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO-PESQUISA.

Sandra Lourenço de Andrade Fortuna¹
Elaine Cristina da Silva Lima²

Neste trabalho pretendemos apresentar a proposta pedagógica do Grupo de Pesquisa Violência de Gênero, vinculado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina. O objetivo geral deste Grupo é investigar a categoria gênero e suas particularidades na produção de condições de violência. A violência é um fenômeno complexo e materializado em determinadas condições sócio-históricas, culturais e políticas. Delimitamos como objeto central de análise deste grupo, uma das dimensões da violência estrutural, no caso a violência de gênero cujo vetor de dominação-exploração está pautado no patriarcado. Para a consolidação deste grupo, traçou-se um caminho metodológico pautado na compreensão do movimento do real e na construção coletiva de instrumentos e métodos de estudo e de análise. Considerando que o Grupo existe desde 2009 e cuja pesquisa central, financiada pelo CNPq, encontra-se em andamento, os dados e informações até então coletados sinalizam que o caminho metodológico adotado para a consolidação deste como um espaço de ensino-pesquisa é não somente factível como necessário.

Palavras-chave: Violência de gênero; pesquisa; ensino.

Notas Introdutórias

Em vista da realidade referente à violência de gênero, acreditamos na relevância de estudos sobre este fenômeno na medida em que podem analisar e compreender o movimento do real, agregando forças à produção científica sobre essa temática, bem como, oportunizar condições e subsídios para o enfrentamento do mesmo, por meio da formulação de estratégias preventivas, emergenciais e de acompanhamento que atendam concretamente as demandas da população usuária.

Neste sentido, o compromisso da Universidade Pública pautada no ensino-pesquisa e extensão, deve criar espaços que permitam a produção de conhecimentos de forma coletiva, ou seja, agregando forças não somente com a comunidade acadêmica, mas especialmente com a rede de serviços e com os (as) profissionais.

Acreditando nesses espaços, criamos em 2009 o Grupo de Pesquisa sobre Violência de Gênero, cujo objetivo geral é investigar a categoria gênero e suas particularidades na produção de condições de violência. Acreditamos que essa é uma temática transversal e

¹ Profa. Doutora do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina. Líder do Grupo de Pesquisa Violência de Gênero/UEL.

² Psicóloga do Ambulatório Hospital Evangélico. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Violência de Gênero.

urgente na formação profissional e, em vista disso, nos preocupamos desde o início em criar estratégias pedagógicas facilitadoras da interlocução entre a pesquisa e o ensino.

A violência é um fenômeno complexo e materializado em determinadas condições sócio-históricas, culturais e políticas. Delimitamos como objeto central de análise deste Grupo de Pesquisa, uma das dimensões da violência estrutural, no caso a violência de gênero cujo vetor de dominação-exploração está pautado no patriarcado.

O patriarcado aponta para a dominação das mulheres pelos homens, enquanto categorias sociais cuja prática se desenvolve há, aproximadamente, seis milênios, de acordo com Lerner (1986). Hartmann (1979, v. P.232) define patriarcado como sendo um,

[...] conjunto de relações sociais que tem uma base material e no qual há relações hierárquicas entre homens, e solidariedade entre eles, que os habilitam a controlar as mulheres. Patriarcado é, pois, o sistema masculino de opressão das mulheres.

Entende-se que a existência da relação patriarcal incide não somente na hierarquização entre os sexos, mas também na contradição de seus interesses, isto é na manutenção do *status quo* para o homem e a busca pela igualdade entre os sexos, pela mulher, pois, não se trata apenas de um sistema de dominação, mas é, de forma imbricada, um sistema de exploração (SAFFIOTI, 1987, p. 50).

O patriarcado enovela-se com o racismo e com as classes sociais não de forma quantitativa, mas na realidade que resulta dessa junção.

[...] o conceito de superexploração torna-se insuficiente para dar conta da realidade, já que os fenômenos de discriminação não são somente quantitativos, mas também qualitativos (os movimentos de desqualificação/super-qualificação não são mais ou menos fortes segundo os sexos, eles caminham em sentidos diferentes): a divisão técnica e social do trabalho justapõe-se muito estreitamente à divisão sexual do trabalho. [...] O universo do trabalho das operárias forma um sistema no qual capitalismo e patriarcado se substituem (trabalham alternadamente) para explorar dominando e dominar explorando; portanto, sistema integrado, no qual as barreiras sociais não são praticamente nem passíveis de derrubada nem mesmo contornáveis pelas mulheres operárias (KERGOAT, 1978, p. 77).

A análise do patriarcado pressupõe a utilização da categoria gênero enquanto categoria ontológica, fornecendo os elementos necessários para a apreensão do movimento do real no que toca às relações entre homens-homens, mulheres-mulheres e homens-mulheres. A sua conjugação com o patriarcado é fundamental, pois somente assim é

possível delimitar o vetor da dominação-exploração, haja vista que gênero é immanentemente relacional, porém não explicita a hierarquização nas relações (LOURENÇO, 2008).

Saffioti discute o conceito de gênero, afirmando que é uma categoria ontológica, histórica e não só de análise. Gênero está vinculado à natureza transformada pela cultura. Em uma de suas publicações, Saffioti (1997, p. 153), ao se reportar à discussão do esquema de gênero, afirma que este,

[...] implica a aprendizagem não apenas dos atributos conferidos e dos papéis sociais atribuídos ao gênero de uma pessoa, mas o domínio de um esquema de gênero que prescreve condutas para representantes dos dois gêneros. A teoria do esquema de gênero não busca identificar conteúdos de atributos e papéis prescritos para homens e mulheres, mas procura se concentrar no processo de enquadramento dos indivíduos. Isto é, o núcleo desta teoria consiste no processo de divisão do mundo em masculino e feminino, independentemente dos conteúdos de cada uma destas categorias.

Assim, a categoria gênero contribui para a compreensão da dinâmica social. Isso, porque a questão de gênero está immanentemente articulada às formas de exploração-dominação e na luta pela sua superação, uma vez que é concebida como uma relação entre sujeitos historicamente situados.

Para que ocorra essa demarcação do campo de ataque, do vetor da violência torna-se fundamental a compreensão da lógica do patriarcado cuja personificação independe da constituição biológica do ser. Tanto os homens quanto as mulheres em determinadas condições sócio-históricas podem materializar a ordem patriarcal de gênero, embora, ressalve-se que os homens são os que têm primazia nessa personificação. Quando a mulher age dessa forma é porque recebeu de seu o seu amo e senhor essa atribuição de agir nos moldes do patriarca, haja vista, que a violência tem, “[...] um gênero: o masculino, qualquer que seja o sexo físico do/a dominante” (WELZER-LANG, 1991, p. 278). A violência de gênero,

[...] pode ser perpetrada por um homem contra outro, por uma mulher contra outra. Todavia, o vetor mais amplamente difundido da violência de gênero caminha no sentido do homem contra mulher, tendo a falocracia como caldo de cultura (SAFFIOTI, 2004, p. 71).

Essa violência é majoritariamente praticada pelos homens contra as mulheres enquanto categorias, cujas relações são hierárquicas e antagônicas, pautadas na ordem patriarcal de gênero, sendo assim mais ampla e presentificando-se nos mais diversificados



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

espaços e nas mais diversas relações entre os seres sociais (LOURENÇO, 2008). A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, em seu Capítulo I Art. 1º, define a violência contra a mulher como, “[...] qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado”.

A violência de gênero pode ocorrer inclusive nas relações entre os familiares ou nos espaços domésticos, sobrepondo-se a essas. A violência intrafamiliar é aquela que ocorre entre os membros de uma mesma família, independentemente de sua estrutura, isto é, seja ela: nuclear, extensa, monoparental, de casais, adotiva etc. Isso implica em dizer que uma das especificidades desse tipo de violência é que ela envolve pessoas que possuem vínculos não só de consangüinidade, mas também de afinidade, podendo se materializar para além do espaço domiciliar.

Alguns fatores podem agravar a violência doméstica, como o alcoolismo, a pobreza e o desemprego. Entretanto não são esses os fenômenos fundantes, já que esta é instituída na ordem patriarcal de gênero. Tanto o desemprego pode potencializar a violência doméstica, como o alcoolismo e as doenças mentais e a pobreza também podem traçar algumas especificidades, mas não explicam esta violência contra mulheres.

A violência contra mulheres constitui violação de Direitos Humanos e Liberdades Fundamentais e, assim, não pode ser considerada apenas como uma ruptura de qualquer forma de integridade da vítima. Como quebra de integridade, situa-se no terreno da individualidade. Como violação de Direitos Humanos atinge o humano-genérico e a situa no sistema de exploração-dominação pautado no patriarcado-racismo-capitalismo (LOURENÇO, 2008).

Como estratégias de enfrentamento a esse fenômeno, contamos com a criação de legislação e de políticas, atribuindo a responsabilidade pela implantação e implementação de políticas públicas como dever do Estado, por meio da articulação dos serviços de educação, saúde, assistência jurídica, assistência social, segurança e trabalho. Além desses, essa rede deve contar também com Delegacias de Defesa da Mulher, Delegacias comuns, Centros de Referência, Defensorias Públicas, Instituto Médico Legal (IML), Serviços de Saúde, Polícia Militar, Corpo de Bombeiros e Casas Abrigo.

Para que de fato essas ações atendam as demandas da população que sofre com a violência de gênero, necessitamos de profissionais capazes de analisar a realidade e criar

medidas interventivas. Nesse sentido, urge a incorporação dos estudos de gênero e da violência no processo de formação profissional.

Com vistas a essa demanda, criamos o Grupo de Pesquisa sobre Violência de Gênero, como um espaço não só de pesquisa, como também de capacitação profissional permanente.

Procedimentos metodológicos

A escolha dos procedimentos metodológicos para a criação e consolidação do Grupo de Pesquisa Violência de Gênero pautou-se na compreensão de que a teoria é um modo de explicação da realidade e a experiência social do sujeito é fundamental para a apreensão do objeto de estudo e,

[...] é em direção a essa experiência social [...] [que caminhamos] na busca dos significados de vivências para os sujeitos. Procuramos não operar com pressuposições em relação aos significados, tratando de desvendá-los na relação com o sujeito. Assim, podemos afirmar que, nessa metodologia de pesquisa, a realidade do sujeito é conhecida a partir dos significados que por ele lhe são atribuídos. (MARTINELLI, 1999, p. 23).

Pretende-se apreender a complexidade do movimento histórico e a sua base material nas quais os indivíduos se objetivam.

O método adotado para a produção do conhecimento aqui esboçado compreende o pensamento como um complexo contraditório e em permanente movimento situado em uma dada historicidade.

Para a captação do real, o uso da Triangulação tornou-se um recurso interessante, implicando a utilização de diversas técnicas de abordagens e de análises, de vários sujeitos e pontos de observação.

Num primeiro momento centrou-se forças na revisão bibliográfica tendo por base a produção científica sobre as categorias: violência estrutural; violência de gênero; ação profissional; cotidiano profissional; formação e exercício profissional.

Na fase de exploração do campo, tendo em vista a premente necessidade de se debruçar com maior profundidade para captar as conexões e interconexões do fenômeno objeto de pesquisa, estamos realizando aproximações sucessivas que permitem o conhecimento da realidade. O material empírico coletado apresenta-se enquanto,



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

[...] fenômenos que não se restringem às percepções sensíveis e aparentes, mas se manifestam em uma complexidade de oposições, de revelações e de ocultamentos [...] é preciso ultrapassar a sua aparência imediata para descobrir a sua essência (CHIZZOTTI, 1991, p. 84).

Constituindo-se em um dos primeiros movimentos de aproximação, foram estabelecidos contatos com a Secretaria Municipal da Mulher visando coletar informações sobre o fenômeno da violência de gênero em Londrina/PR, bem como, convidá-las a ingressarem no Grupo de Pesquisa, enquanto pesquisadoras.

A constituição deste Grupo também se deu com a participação do corpo discente da Universidade Estadual de Londrina e de outras universidades situadas nesse município. Além disso, contamos com professores(as) doutores do Departamento de Serviço Social da UEL como pesquisadores(as).

Após alguns meses de existência, contamos também com a participação ativa de diversos profissionais da rede de serviços de Londrina, que espontaneamente inseriram-se neste Grupo.

A diversidade de profissionais, entre eles: psicólogos(as), sociólogos(as), enfermeiros(as), assistentes sociais, educadores, bem como, o crescimento do grupo, que atualmente conta com trinta e seis membros, denota importância da abertura de espaços como este pela Universidade.

Interessante destacar que a primeira pesquisa realizada foi indicada por esses profissionais pesquisadores a partir das demandas postas no cotidiano profissional dos que atuam diretamente com o fenômeno da violência de gênero. Pesquisa esta aprovada pelo Comitê de Ética/UEL e financiada pelo CNPq.

A preocupação em desenvolver ações no campo do ensino dentro deste Grupo cuja centralidade é a pesquisa, encontrou terreno fértil na necessidade de capacitação permanente dos membros. Em atenção a essa demanda, criamos um espaço de ensino, por meio de cursos de capacitação sobre violência de gênero e sobre métodos de análise da realidade e a pesquisa social.

Interessante notar o envolvimento especialmente dos(as) profissionais com a capacitação continuada que, apesar das condições objetivas do trabalho profissional que por vezes dificulta os estudos, conseguem dedicar-se às requisições pelos densos estudos que travamos, estabelecendo a interlocução com o cotidiano profissional, captando a complexidade da realidade social, atendo a nossa preocupação em compreender os

significados e as experiências dos sujeitos coletivos, objetivando apreender “o objeto empiricamente em todas as suas dimensões” (MINAYO, 2004, p. 103).

A contribuição dos(as) participantes do grupo, especialmente dos(as) profissionais garante a possibilidade de levantar categorias de análise, o que ocorre não somente *a priori*, como também durante todo o processo de estudo.

As categorias analíticas refletem as determinações históricas no campo das relações sociais. Neste estudo, definiram-se até o presente momento as seguintes: sistema de dominação-exploração; ordem patriarcal de gênero; cotidiano profissional e violência. As reflexões teóricas baseadas em dados empíricos sobre o tema contribuirão para o debate sobre o fenômeno estudado. Cabe destaque ao pensamento gramsciano que se refere ao fato de que os aspectos teóricos não são trabalhados isoladamente, mas articulados de forma intrínseca, numa relação de mútua determinação, sendo impossível estabelecer o determinante e o determinado; são partes de um todo orgânico.

Para Marx (2002, p. 21) é fundamental que em [...] cada caso particular, a observação empírica coloque necessariamente em relevo – empiricamente e sem qualquer especulação ou mistificação – a conexão entre estrutura social, política e produção.

Este é um espaço permanente de estudos, discussões e análise para a capacitação da equipe, por meio de encontros semanais. A dinâmica de trabalho se dá através de reuniões, oficinas, cursos, análise de material bibliográfico, documental, midiático, de filmes, entre outros.

RESULTADOS PARCIAIS

Considerando que o projeto se encontra em andamento, relatamos neste trabalho um recorte das vivências e experiências até o presente momento.

Este projeto está vinculado ao Grupo de Pesquisa sobre Violência de Gênero do Departamento de Serviço Social/ Universidade Estadual de Londrina – UEL.

A constituição deste grupo implica na interlocução de suas ações aos conhecimentos produzidos na perspectiva de gênero demandando um contato permanente com a Universidade, estabelecendo-se uma parceria para estudos e pesquisas conjuntamente com a comunidade acadêmica, com a rede de serviços e com diversos profissionais, constituindo-se em um espaço de ensino-pesquisa em permanente articulação. Após seis meses de estudos teóricos e análises da realidade, provenientes das

demandas vivenciadas pelas profissionais em seu cotidiano, amadurecemos a proposta de desenvolvermos pesquisa já aprovada pelo Comitê de Ética da UEL e financiada pelo CNPq.

Este tem se tornado um processo rico de significações, haja vista que contamos desde o início com a participação efetiva de várias profissionais e alunos(as) que contribuem diretamente com todos os estudos e pesquisas do Grupo.

Ressaltamos a importância da Universidade Pública agregar forças com a comunidade local e com a rede de serviços na produção de conhecimentos contributivos para a intervenção na realidade. O enriquecimento dos trabalhos e estudos deste Grupo de Pesquisa é sem dúvida, fruto do trabalho conjunto dos profissionais, docentes e discentes que realizam pesquisas comprometidas com o enfrentamento das condições adversas da realidade, no que toca ao fenômeno da violência de gênero, em particular.

Referências Bibliográficas:

CHIZZOTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

GRAMSCI, A. **Obras escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

_____. **Concepção dialética da história**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

HARTMANN, H. **The unhappy marriage of marxism and feminism: towards a more progressive union**. *Capital and Class*. n. 8, p. 1-33, 1979.

KERGOAT, D. **Ouvriers = ouvrières?**: critiques de l'économie politique. Nouvelle, Paris, n. 5, p. 65-97, 1978.

LERNER, G. **The creation of patriarchy**. Oxford: Oxford University Press, 1986.

LOURENÇO, S. **Violência conjugal**: materialização das ações profissionais na área da saúde. 2008. 202f. Tese (Doutorado em Serviço Social). Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho. Franca, SP.

MARTINELLI, M. L. **Pesquisa qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras. 1999.

MARX, K. e ENGELS F. A ideologia alemã. Tradução S.D. Chagas. São Paulo: Centauro, 2002.

MINAYO, M. C. S.. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em Saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. Violência doméstica ou a lógica do galinheiro. In: KUPSTAS, M. (Org.). **Violência em debate**. São Paulo: Moderna, 1997.

_____. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

WELZER-LANG, D. **Les hommes violents**. Paris: Lierre e Coudrier. 1991.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br